



# Revista do Norte: uma “aventura moderna” na década de 1920 em Recife

Elaine Cristina Cintra

Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Universidade Federal da Paraíba, Estr. Engenho Novo, s/n, Mamanguape, 58280-000, Paraíba, Brasil. E-mail: elcintra@gmail.com

**RESUMO.** O objetivo do estudo que aqui se apresenta é revisar e revitalizar o registro historiográfico do momento modernista em Recife nas primeiras décadas do século XX, através da investigação da *Revista do Norte*, notadamente suas orientações editoriais, suas linhas de expressões estéticas, críticas e posicionamentos intelectuais. O estudo investigativo da *Revista do Norte*, periódico que surgiu em Recife na década de 1920, permite averiguar as expressões culturais desse momento na região, e dar indicativos de perspectivas e interpretações ainda não vislumbradas; além de possibilitar o resgate de autores, textos e outras manifestações artísticas e intelectuais, que a revista comporta, e as quais se encontram esmaecidas, ou até mesmo diluídas. Como hipótese, fomos conduzidos pela convicção de que esse periódico não somente traz a compilação de textos importantes e decisivos para o entendimento do momento estético da época, mas também apresenta o que seria uma ‘escola’, o que ainda não foi pressuposto nos estudos das manifestações literárias e artísticas do início do século em Recife. Conclui-se que a multiplicidade de enfoques dessa revista, os quais não se excluía, mas, ao contrário, agregavam complexidade nas diretrizes e tendências da época, são representativos das profusas heterogeneidades de expressões que marcaram o início do século nessa região, e que demandam uma revisão mais acurada e em perspectiva, incluindo aí a imersão em documentos que se encontram postergados, com risco iminente de se dispersar em definitivo.

**Palavras-chave:** modernismo brasileiro; periódicos modernistas; *Revista do Norte*; regionalismo.

## Revista do Norte: a “Modern Adventure” in 1920s in Recife

**ABSTRACT.** The objective of the study presented here is to review and revitalize the historiographic record of the modernist moment in Recife in the first decades of the 20th century, through the investigation of *Revista do Norte*, notably its editorial guidelines, its lines of aesthetic expressions, criticism and intellectual positions. The investigative study of *Revista do Norte*, a periodical that appeared in Recife in the 1920s, allows us to analyse the cultural expressions of that moment in the region, and provide indications of perspectives and interpretations that have not yet been glimpsed; in addition to enabling the recovery of authors, texts and other artistic and intellectual manifestations, which the magazine contains, and which are dimmed, or even diluted. As a hypothesis, we were led by the conviction that this periodical not only brings the compilation of important and decisive texts for the understanding of the aesthetic moment of the time, but also presents what a ‘school’ would be, which has not yet been presupposed in terms of refers to studies of literary and artistic manifestations at the beginning of the century in Recife. It is concluded that the multiplicity of approaches in this magazine, which did not exclude each other, but, on the contrary, added complexity to the guidelines and trends of the time, are representative of the profuse heterogeneity of expressions that marked the beginning of the century in this region, and that demand a more accurate and perspective review, including immersion in documents that have been postponed, with an imminent risk of being permanently dispersed.

**Keywords:** brazilian modernism; modernist periodicals; *Revista do Norte*; regionalism.

Received on March 13, 2024.  
Accepted on January 21, 2025.

## Introdução

O entendimento de que as décadas de 1920 e 1930 constituíram um momento decisivo para as novas diretrizes que se traçaram nas expressões literárias e nos estudos de cultura do país já é, há muito, um consenso, e são abundantes as publicações que tangenciam esse assunto em vários campos de saberes. Da mesma forma, registrou-se na historiografia literária a incontestável contribuição das revistas culturais para a

pesquisa desse momento, uma vez que tais publicações documentaram debates a respeito de valores culturais e posicionamentos políticos, além de terem contribuído para a difusão de obras as quais atestam paradigmas que modularam as perspectivas estéticas dos grupos representados por tais revistas. Especialmente no início do século XX, observa-se no país aquilo que o estudo de Ana Luiza Martins (2001, p. 97) denomina um “[...] surto da modalidade periódica na virada do século [...]”, e não seria leviano afirmar que os grupos modernistas brasileiros se utilizaram massivamente desse instrumento para sua propagação e consolidação.

A propósito disso, é válido destacar um periódico pernambucano, a *Revista do Norte*, impresso em Recife nas primeiras décadas do século XX, e que se configura como uma das publicações mais proeminentes desse momento na região, momento esse que propunha uma expressiva renovação cultural, a partir de pressupostos que entendiam ser necessária uma configuração própria e regional das novas orientações estético-culturais provenientes da Europa. Pelas páginas dessa revista é possível anotar a agitada cena cultural de Recife, cidade que recebia diretamente da Europa as últimas informações sobre tais movimentos, e que foi o palco de um momento modernista independente daqueles que ocorriam em outras regiões do país.

Ressalta-se, ainda, a participação nesse periódico de figuras expressivas da *intelligentsia* local, – alguns que repercutiriam no âmbito nacional como ensaístas, críticos e artistas –, como Joaquim Cardozo, José Maria de Albuquerque e Melo, Gilberto Freyre, além de, entre outros, os mais importantes ilustradores e caricaturistas recifenses da época, como Manoel Bandeira, Mauro, Lula Cardoso Aires, o que confirma à *Revista do Norte* seu caráter de aglutinação e de representatividade das principais diretrizes do pensamento cultural e das propostas estéticas da região.

A hipótese que levantamos é que um estudo mais circunstanciado desse periódico possibilitará a revisão de posicionamentos críticos já bastante discutíveis nos dias atuais a respeito do momento modernista em Recife, tais como o pressuposto de um anti-modernismo na região, que teria se posicionado a favor da defesa de um tradicionalismo direitista, a serviço de uma estrutura político-social patriarcalista, como se observa em Wilson Martins, autor que afirma convictamente que o modernismo brasileiro seria um movimento paulistano, e que, em algumas regiões “[...] tradicionalistas e ideologicamente direitistas” (Martins, 1969, p. 101), como em Recife, teriam ocorrido ‘falsas vanguardas’, sem nenhuma repercussão nacional. Da mesma forma, é preciso revisar o entendimento de que as influências vanguardistas só chegaram à região pela influência direta do modernismo paulista, como se anota no comentário de Neroaldo Pontes de Azevedo sobre uma postura de dependência de uma “[...] inspiração vinda do Sul” (Azevedo, 1996, p. 21), e que as propostas modernistas em Pernambuco recebiam lições da “[...] Pauliceia desvairada” (Azevedo, 1996, p. 119). Por sua vez, Maria Arminda do Nascimento Arruda (2011), entende que no modernismo brasileiro ocorreu “[...] o deslocamento do centro criativo do movimento modernista do ‘núcleo originário’ – São Paulo – e da capital intelectual – Rio de Janeiro – para as ‘margens do campo cultural’, Pernambuco, Minas Gerais, Rio Grande do sul [...]” (Arruda, 2011, p. 196, grifo nosso), termos esses, aliás, certamente obsoletos e questionáveis.

Por certo, apesar da relevância desse periódico, e afora as breves menções em algumas obras da historiografia da Literatura brasileira, é escasso e insuficiente o número de estudos que se dedicaram a pesquisá-lo, o que se explica possivelmente pela dificuldade de acesso aos volumes da revista nos dias de hoje. Vale registrar entre esses estudos, o testemunho de Joaquim Cardozo que consta no livro de Souza Barros (2015), *A década de 20*, ambos textos, de Cardozo e Barros, com caráter de depoimento, que consistem em um oportuno registro do agito cultural pelo qual Recife passava nesse momento. A obra de Souza Barros, sem dúvida, é o mais completo documento das ocorrências e manifestações em Recife, não somente elencando figuras hoje já esquecidas, mas apresentando um vasto panorama das questões sociais, políticas e econômicas da capital pernambucana nessa década.

Além de Cardozo e Barros, dois outros autores merecem ser citados, por terem proposto uma pesquisa mais adensada desse periódico: o acima citado Neroaldo Pontes de Azevedo (1996), na obra *Modernismo e regionalismo*; e Nagib Jorge Neto (2009), em *A literatura em Pernambuco*. Em seu livro, Azevedo reserva um item específico para essa revista (‘*A Revista do Norte* e sua proposta’), no primeiro capítulo da segunda parte, em estudo que se constitui em uma descrição detalhada dos números, ao inventariar os volumes e apresentar sua história, seus aspectos comerciais e gráficos. Efetivamente, a pesquisa de Neroaldo Azevedo é ainda hoje a descrição mais ampla da revista, uma vez que ele teve acesso às fontes primárias, e soube minuciá-las em sua apresentação.

Nagib Jorge Neto, por sua vez, realiza uma leitura que coaduna o periódico à situação política da época, e entende que a *Revista do Norte* se constituiu em um ato de resistência no que se refere às lutas sociais em movimento: “[...] os militares tinham as armas; os poetas, prosadores, uma tribuna, *A Revista do Norte*, espécie

de baluarte de ideias novas, de propostas de avanço cultural” (Jorge Neto, 2009, p. 178). Concomitantemente aos movimentos de vanguarda e rupturas, o estudioso também percebe nessa ‘aventura moderna’, o registro da paisagem e história de Recife e Olinda, perspectiva que se desvia das dicotomias nas quais Neroaldo Azevedo se pauta, e propõe uma leitura mais alargada da questão. Todavia, apesar de avançar na discussão, Jorge Neto não se demora no tópico, o que é justificável, uma vez que o objetivo de seu livro é antes levantar um panorama geral da literatura pernambucana, do que adensar a reflexão em tópicos específicos.

Nesse estudo, entendemos que a pesquisa do repertório da *Revista do Norte* permite revisar as leituras historiográficas desse momento, e dar indicativos de perspectivas e interpretações ainda não vislumbradas; além de possibilitar o resgate de autores, textos e outras manifestações artísticas e intelectuais que a revista comporta, e as quais se encontram esmaecidas, ou até mesmo diluídas. Dessa forma, propomos uma investigação especialmente nas fontes primárias, e entendemos que a análise de dados obliterados pelas pesquisas já tradicionais sobre o assunto, certamente poderão contribuir para o entendimento de que as linhas centrais de pensamento e expressões eram bem mais múltiplas, dinâmicas e complexas do que as escritas tradicionais registraram. Como hipótese, fomos conduzidos pela convicção de que esse periódico não somente traz a compilação de textos importantes e decisivos para o entendimento do momento estético da época, mas também apresenta o que seria uma ‘escola’, como Joaquim Cardozo (2015) prenuncia, o que ainda não foi pressuposto no que se refere aos estudos das manifestações literárias e artísticas do início do século em Recife.

### Um periódico singular em Recife na década de 20

O objetivo desse estudo, portanto, é revisar e revitalizar o registro historiográfico do momento modernista em Recife nas primeiras décadas do século XX, através da investigação desse periódico, notadamente suas orientações editoriais, suas linhas de expressões estéticas, críticas e posicionamentos intelectuais. É certo, porém, que para compreender suas diretrizes editoriais, torna-se necessário evocar o contexto cultural do qual ela se derivou; e, nesse sentido, pode-se dizer que seu germen foi o ‘Cenáculo da Lafaiete’, nome com o qual ficaram conhecidos os encontros que aconteciam nessa época no Café Continental, situado à Rua do Imperador, no qual se reuniam artistas, intelectuais, políticos, estudiosos, jornalistas, em um intenso debate cultural, aliás, com posicionamentos heterogêneos, e até mesmo divergentes, tendo como seus participantes contumazes, entre outros, Joaquim Cardozo, Benedito Monteiro, Ascenso Ferreira, Osório Borba, Sousa Barros, Cícero Dias, José Maria de Albuquerque e Melo, e, ocasionalmente Gilberto Freyre, Vicente do Rego Monteiro, e até mesmo Raquel de Queiroz, que, conforme consta em Souza Barros, deslocara-se até Recife com o intuito de participar do debate. No prefácio do livro de Souza Barros, Joaquim Cardozo comenta a relação da *Revista do Norte* com o ‘Cenáculo da Lafayette’:

Essa reunião noturna, diária, que fazíamos em torno das mesas do Café Continental, café que tinha sido, no tempo da *belle époque* pernambucana, o Café Cascata e situado muito perto da loja de cigarros da fábrica Lafaiete, loja onde se reuniam à tarde um grande grupo de políticos, e também facadistas e agiotas, e que Souza Barros descreve tão bem a sua história, tinha entretanto para o grupo da *Revista do Norte* um sentido muito particular. [...] as reuniões noturnas no Café Continental, onde se comentava nas conversas sobre tudo o que se passava durante o dia, assim como era de onde saíamos para frequentar os concertos no Santa Isabel [...] (Cardozo, 2015, p. 167 e 168).

Este grupo heterogêneo formado por poetas, artistas plásticos, políticos, jornalistas, com posições ideológicas diversificadas, mantinham um ideal em comum: a renovação daquele momento cultural em Recife. Posicionados contra as formas anacrônicas parnasianas e até mesmo românticas, já em contato com os ares vanguardistas do século XX na Europa, os frequentadores do Cenáculo não se organizaram em torno de uma direção comum, mas trouxeram à cena cultural pernambucana a busca de possibilidades heterogêneas para a atualização de uma estrutura que já não se coadunava com os novos tempos. O caráter altamente independente do grupo foi seu fator decisivo de identificação, sendo, porém, seu fator de dispersão: “Esses fatos [políticos] todos eram apreciados pelo grupo, comentados embora sem compromisso, podendo cada um agir ou empregar o resultado de sua análise como bem lhe aprouvesse” (Barros, 2015, p. 265).

O testemunho de Joaquim Cardozo a Souza Barros apresenta a *Revista do Norte* como uma das principais realizações do Cenáculo do Lafayette. É desse grupo que surgirá, na década de 20, a segunda fase da *Revista do Norte*<sup>1</sup>, publicação que se propunha inconformista, ou como Cardozo apresenta em seu depoimento, ligada

<sup>1</sup> A primeira fase da *Revista do Norte* em Recife consta de 16 números publicados em 1891. A segunda fase, que aqui nos interessa mais especificamente, esteve ativa entre 1923 a 1926. Uma terceira fase ocorrerá entre 1942 a 1952, quando a revista chega a reeditar algumas publicações da segunda fase e publica, inclusive, um volume especial a Joaquim Cardozo.

às “[...] manifestações livres do espírito” (Cardozo, 2015, p. 164), e, por isso, sem ter se constituído exatamente em um movimento, ou ter tido a preocupação de escrever manifestos ou palavras de ordem, ou mesmo seguir uma linha editorial única específica.

Nesse periódico, cujo primeiro número veio a lume em outubro de 1923, editado inicialmente pelos irmãos José Maria de Albuquerque e Melo e Amaro B. de Albuquerque e Melo<sup>2</sup>, publicavam-se artigos de diversas ordens, ora sobre arte antiga, tradicional, ora sobre as expressões mais contemporâneas, como o editorial do primeiro volume declara, em 8 de outubro de 1923: “[...] em artigos cuidadosamente ilustrados, iremos reproduzindo também o que de mais valioso e interessante possuímos em matéria de arte antiga e moderna” (Albuquerque e Melo, 1923, p. 5).

O trecho ‘artigos cuidadosamente ilustrados’ merece ser destacado, uma vez que alude às inserções de ilustrações, desenhos, caricaturas, gravuras, fotos, clichês que não somente acompanhavam os textos, mas eram por si só parte da compostura temática da revista, questão que pode ser verificada na apresentação do primeiro número, em que a revista é intitulada de ‘Semanário ilustrado’. Esse atributo expandiu-se para o cuidado extremo do aspecto gráfico, produzindo, conforme Cardozo (2015, p. 168), “[...] as mais belas páginas da arte de impressão do Brasil”, – aspecto, sem dúvida, que deve ser creditado a um de seus diretores, José Maria de Albuquerque e Melo, considerado um dos editores mais talentosos que o Brasil já teve, e que seria o grande inspirador de outros tipógrafos artesanais de Recife, como João Cabral de Melo Neto, Vicente do Rego Monteiro, e os editores de *O gráfico amador*. Sobre isso, Souza Barros afirmará que a atividade tipográfica de Albuquerque e Melo representou, com seu esmero e arte, a criação de um novo gênero poético, como se pode conferir na capa da edição de 1926 (Figura 1):



Figura 1. Capa da *Revista do Norte*.

Fonte: *Revista do Norte*, (Cardozo, 1926, n.1, acervo da Biblioteca pública do Estado de Pernambuco - BEP)

O diretor da *Revista do Norte* dedicava-se obsessivamente a produzir exemplares que fossem de excelência, e, para isso, compunha manualmente a edição de seus números:

Este homem que ninguém ainda classificou de poeta é um dos mais autênticos, em estilo e forma de vida. Como mestre de tipografia, compondo e imprimindo os números da *Revista do Norte*, a princípio com um prelo manual e depois com uma minerva, deu inúmeras provas dessa qualidade. Ao fazer uma revista não se transformara em jornalista ou em publicitário. Interessava-lhe antes a forma de composição da página, o equilíbrio gráfico, o resultado da impressão em bom papel, o efeito conseguido com os contrastes de cor, a perfeição e a segurança do clichê que ele e o seu irmão Amaro também faziam e em cuja arte e segurança foram dos mais exigentes e perfeitos. Muitas vezes o próprio clichê resultava de uma fotografia que ele própria tirara, pois também se dedicou a esta atividade e se tornou um dos animadores da fotografia de arte no Recife. A prova de um arranjo tipográfico dava-lhe a sensação completa do final do seu trabalho. Como o pintor que não pensa na reprodução do seu quadro e sim na sua existência como tela única, assim se comportava muitas vezes José Maria em relação a certos trabalhos de impressão de uma primeira página com uma capitular, ou de um trecho da composição onde empregara determinados arranjos ou certo contraste dentro de uma linha ou família de um tipo de letra usado (Barros, 2015, p. 177-178).

<sup>2</sup> Posteriormente, João Vasconcelos e Joaquim Cardozo viriam a se tornar co-editores da revista.

Aliás, é importante saber que o preciosismo na confecção dos volumes era, inclusive, motivo de atrasos na publicação, e que os editores logo perceberam a impossibilidade de manter os prazos previstos, como vemos no editorial do número 2 da 1ª. quinzena de 1924: “Sai este número da *Revista do Norte* com grande atraso, por motivos que não foi possível evitar” (Albuquerque e Melo, 1924a). A partir desse número, o periódico passará a ostentar o indicativo de ‘Quinzenário ilustrado’, no lugar da primeira proposta que era de ‘Semanário ilustrado’, e, mais tarde, perderá todos os indicativos de intervalos de publicação, uma vez que a intermitência de suas edições era notória. Apesar disso, foram publicados na década de 1920 à década de 1950, os seguintes volumes que constam na Figura 2.

	Período	Descrição	Vols.
1ª. fase	1923 a 1925	Editores: José Maria Carneiro de Albuquerque e Melo e Amaro B. de Albuquerque e Melo. A partir do número 2 de 1924, João Monteiro passa a fazer parte da editoria da revista.	9
2ª. fase	1926 a 1927	Editores: José Maria Carneiro de Albuquerque e Melo, João Monteiro e Joaquim Cardozo;  Revista passa a ter o subtítulo de “Aspectos da vida regional”;  3 números regulares e 2 números especiais, com circulação restrita: segundo Albuquerque et al. (2009), o número 3 da segunda série se constitui em apenas um exemplar enviado ao poeta Manuel Bandeira, para homenagear alguns novos poemas de Ribeiro Couto.  O número 4 também foi composto por um único exemplar, em homenagem ao pintor e desenhista Manoel Bandeira, foi entregue à sua família.	5
3ª. fase	1942 1944 1947 1952	Editor: José Maria de Albuquerque e Melo;  O número de 1947 homenageia Joaquim Cardozo, republicando os poemas que ele deu a conhecer na revista na década de 1920, além do ensaio “Sobre a pintura de Teles Júnior”.	4

Figura 2. Fases da *Revista do Norte*.

Em vários veículos jornalísticos, a revista foi anunciada e, quando lançada, recebeu críticas que reiteravam a qualidade de suas edições, como vemos em *A província*, periódico editado entre 1872 a 1933 em Recife, o qual, em 20 de janeiro de 1924, saudou o lançamento do terceiro número da revista da seguinte forma:

*A Revista do Norte* vem-se fazendo, pelo esforço dos seus diretores, bacharelando J. M. Carneiro de Albuquerque, Amaro B. de Albuquerque e Melo e João Monteiro, uma publicação digna do mais solícito apoio do público. Ilustrada pelos mais finos desenhistas e caricaturistas do nosso meio, traz magníficos trabalhos artísticos, entre os quais uma linda capa de Victoriano Lima, charges e caricaturas do nosso meio; trabalhos literários de Humberto Carneiro, Sady Garibaldi, Osório Borba, Anísio Galvão e outros intelectuais; seções de cinema, mundanismo e humorismo, notícias, curiosidades, etc. É de grande sucesso a nova edição da *Revista do Norte* (*A Província*, 1924a, p. 3).

Esse mesmo jornal, em crônica de Costa Monteiro, irá saudar, em 13 de junho de 1924 o número novo da revista, encerrando a nota com o cotejo dessa publicação com as suas contemporâneas, e vaticinando o sucesso da publicação de Albuquerque e Melo: “*Revista do Norte*, encadernará, de hora avante, no seu bocado de estesia e inteligência, os magníficos prevaclos de um renascimento artístico” (Costa Monteiro, 1924, p. 3).

Também o *Jornal Pequeno*, que circulou em Recife entre 1898 a 1955, trará notas em que reiterará o sumário variado, e, como os outros veículos, o cuidado editorial. Em 19 de novembro de 1924, a folha, ao mencionar o novo número, traz o seguinte comentário: “Impressa em modesta oficina própria, com um esplêndido serviço de clichês, igualmente trabalhado em atelier próprio, a *Revista do Norte* tem proporções para se tornar uma grande publicação, uma das melhores do gênero no norte do país” (*Jornal Pequeno*, 1924, p. 1).

No entanto, o veículo de imprensa que mais divulgou a *Revista do Norte* foi, sem dúvida, o *Diário de Pernambuco*, o mais antigo periódico desse gênero em Recife, e que, em 1925, sob a organização de Gilberto Freyre, publicaria o *Livro do Nordeste*, no qual vários dos participantes da revista estariam incluídos, como, a título de exemplo, José Maria de Albuquerque e Melo, que se responsabilizou pela composição gráfica do livro, o desenhista Manoel Bandeira, encarregado de todas as ilustrações da obra, e Joaquim Cardozo, que, na ocasião, iria estreitar na crítica literária, ao apresentar um estudo sobre o poema ‘Evocação do Recife’, de Manuel Bandeira<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> É necessário lembrar que Manoel Bandeira (grafado em /o/) foi um desenhista e caricaturista que participou ativamente da *Revista do Norte* e, posteriormente, tornou-se o ilustrador principal do *Livro do Nordeste*. Manuel Bandeira (grafado em /u/), por sua vez, trata-se do renomado poeta modernista, autor de, entre outros, *Libertinagem*.

Em 9 de outubro de 1923, um dia após o lançamento do primeiro número da revista, a nota do *Diário* é bastante generosa, e aponta para os detalhes gráficos da edição, para o papel acetinado, a impressão segura, “[...] merecendo menção especial as fotogravuras que estampa, pela sua nitidez, e o feliz arranjo e distribuição da matéria” (*Diário de Pernambuco*, 1923, p. 2). Em seguida, a nota descreve o sumário, destacando a variedade dos assuntos, sem, no entanto, comentar a linha editorial, que já estava bastante delineada no editorial do primeiro número; o que ocorreria somente em 3 de janeiro de 1924, na ocasião do lançamento do segundo número, quando o jornal, em uma nota anônima comenta que o então quinzenário “[...] se propõe a dizer de nossa cultura e de nosso progresso, cuidando inteligente e carinhosamente da história, das artes e das letras em o nosso meio” (*Diário de Pernambuco*, 1924, p. 1).

Entre todas as menções sobre a *Revista do Norte* no *Diário de Pernambuco*, basicamente ao menos uma a cada edição, indicando tema, capas, artigos e ilustrações, dois ensaios se destacam na década de 20. O primeiro, publicado em 6 de novembro de 1924, diz respeito à reprodução do artigo ‘Museu da arte sacra’, de José Maria de Albuquerque e Melo (1924b), texto esse que anteriormente havia vindo a lume no número 5 de 1924 dessa revista. O segundo se refere a ensaio de Gilberto Freyre intitulado “*Revista do Norte*”, publicado em 13 de fevereiro de 1925, em que o autor comenta ser esse periódico “[...] caracteristicamente uma revista de novos e de província” (Freyre, 1925, p. 3), que disseminava um programa “interessantíssimo: o de fixar aspectos da vida regional”. Freyre discorre ainda sobre o espantoso talento de José Maria de Albuquerque e Melo e afirma ser aquela revista um oportuno veículo, senão o ‘único refúgio’ para a divulgação de talentos de jovens pernambucanos, citando Joaquim Cardozo, Manoel Bandeira, Jayme José de Oliveira, Victoriano e Benedito Monteiro.

Em sua recepção inicial, como se observa, a revista se destacou inicialmente pelo seu cuidado gráfico, e somente a partir do segundo número, em janeiro de 1924, outros aspectos de sua composição foram se tornando mais visíveis. Na realidade, se o periódico se propunha a duas linhas editoriais, a primeira voltada para a defesa dos aspectos históricos e artísticos da região, e a segunda, que defendia a abertura para o novo, podemos afirmar que também havia uma terceira proposta, a de renovar a arte tipográfica da época, ao buscar a inspiração no passado. Esse cuidado se adensa na segunda fase da *Revista do Norte*, em 1926, quando o objetivo de reforçar tais cuidados se torna uma das maiores diretrizes da revista, como expressa o editorial do primeiro número desse ano.

Do propósito de reforçar, pelo ritmo de suas páginas, de seu aspecto tipográfico, o ritmo do seu programa, é resultado o presente número da *Revista do Norte*.

Com ele se inicia uma nova fase; já agora, as ilustrações que costuma publicar a *Revista*, os assuntos a que se dedica o seu material tipográfico se ajustam num conjunto harmonioso de linhas e de cores.

[...]

E é possível que, por uma boa casualidade, jamais em condições de se anotar, volte a ser impressa no Recife, em letras de talhe antigo, na mesma antiga disposição, documento do fervor e da vibração de uma época, aquela doce oração, impressa em 1706, numa rude oficina pernambucana.

Sensível ao encanto dessas longínquas e doces possibilidades, sensível a outras possibilidades longínquas, cheia de fé e de certezas, é que a *Revista do Norte* aparece agora toda em letras de velho tale, de firme e sincero aspecto. Quer continuar um trabalho interrompido, uma ação tradicionalmente ligada ao nosso sentimento. E se enche e há de se encher de iniciais vermelhas, de vinhetas e de frontispícios, de cores e de linhas, de cajus e de coqueiros, de jangadas e de chapéus de couro e de capelas de engenho.

A *Revista do Norte* quer fixar o ritmo do que vimos e fizemos, do que sentimos e havemos de sentir (Albuquerque e Melo, 1926, p. 2).

Se desde seu início, a revista deixa entrever a obsessiva atenção para as questões tipográficas, na segunda fase, como se vê acima, o apuro se dará em outra dimensão. Como o editorial mostra, reforça-se a inclinação de resgatar do século XVIII algumas fontes, aquilo que era considerado “[...] o primeiro trabalho tipográfico de oficina brasileira” (Albuquerque e Melo, 1926, p. 4). Anunciava-se, a partir de então, o uso de “[...] letras de velho talhe, firme e sincero aspecto” (Albuquerque e Melo, 1926, p. 4). Além disso, as páginas seriam ilustradas com iniciais vermelhas, vinhetas e frontispícios “[...] de cores e de linhas, de cajus e de coqueiros, de jangadas e de chapéus de couro e de capelas de engenho” (Albuquerque e Melo, 1926, p. 4). O elemento regional se torna, então, um elemento tipográfico de importância na revista, e a própria vinheta da página do edita, retoma, em vermelho, as frutas da região. Reforçando essa orientação, Joaquim Cardozo, que se tornara nessa fase coeditor da revista, confecciona, na ocasião, um alfabeto de capitulares composto de desenhos da flora local, especialmente do caju, que, porém, não chegou a ser publicado.

O cuidado extremo com o aspecto gráfico também se reflete nas ilustrações, desenhos e caricaturas do periódico. A *Revista do Norte* agregou os principais ilustradores de Recife, como o citado Manoel Bandeira, Manuel Caetano Filho, Victoriano Lima, J. Ranulfo, Mauro, Zuzu (pseudônimo de José Borges da Silva), Osório Borba, Luís Soares, Fininho (pseudônimo de Fausto Silveira), Neves Daltro, Joaquim Cardozo, artistas que, além de ‘pintarem’ locais e detalhes arquitetônicos da cidade, e ilustrarem os temas e artigos dos números, voltaram-se para retratar uns aos outros, como o desenho de João Vasconcelos feito por Joaquim Cardozo (Figura 3):



**Figura 3.** Desenho de João Vasconcelos por Joaquim Cardozo.

Fonte: *Revista do Norte* (1924, n. 5, acervo da Biblioteca pública do Estado de Pernambuco – BEP).

Sobre essas expressões plásticas, é interessante citar o texto de Osório Borba sobre a caricatura, publicado em janeiro de 1924, em que divulga vários autorretratos dos colaboradores da revista, formando um catálogo quase impossível hoje de ser encontrado em outro lugar, incluindo J. Ranulpho, Manuel Caetano Filho, Lula, Victoriano Lima, Manoel Bandeira, Caio Cavalcante (Borba, 1924). De fato, esse artigo tornou-se um importante documento para os estudos da caricatura em Pernambuco, e como Azevedo comenta, Borba

[...] faz um retrospecto dos nomes que se destacaram em Recife, nesta arte, apresenta as novas vocações e promessas do gênero e, lamentando a precariedade do meio cultural de Recife, diz ser objetivo da *Revista do Norte* ‘contribuir para um mais intenso cultivo desse gênero requintado de humorismo’ (Azevedo, 1996, p. 111, grifo do autor).

Ainda nesse número, curiosamente a revista anuncia que está recebendo colaborações de caricaturistas e desenhistas dos demais estados do Norte (*Revista do Norte*, 1924). No número 4, da primeira quinzena de maio de 1924, ao apresentar o caricaturista Fininho, a revista renova a “[...] aspiração de aproximar escritores e desenhistas” (*Revista do Norte*, 1924, p. 3).

### **A defesa da tradição e do elemento regional**

O programa editorial que orientou as publicações, descrito no subtítulo da revista, ‘aspectos da vida regional’, irá apontar para a defesa do elemento regional, em detrimento às influências estrangeiras, o que Barros explica enfaticamente em seu livro:

O que cabe examinar nessas preocupações e nesses pronunciamentos são os aspectos singulares e a capacidade engenhosa demonstrada por algumas das figuras locais menos influenciadas pela imitação do que pelo saber ou modos de ser alienígenas. As reações de um Benedito Monteiro, de um Joaquim Cardozo, de um José Maria de Albuquerque e Melo e até de um Gilberto Freyre, homem que fizera a sua formação no estrangeiro, mas que se reajustaria com tanta notoriedade a esse estilo regional e seria, ele próprio, com Odilon Nestor, com Moraes Coutinho, e também com elementos da *Revista do Norte*, com Manuel Caitano, um dos maiores incentivadores a fixar essa renovação dentro de um estilo mais etnocentrista, fugindo a uma simples reprodução do figurino estrangeiro (Barros, 2015, p. 176).

Dentro dessa diretriz, evidencia-se a confluência com o pensamento de Gilberto Freyre, autor que apresentava a defesa da tradição e do regionalismo como parte de um movimento de renovação, o qual, como bem explica Cardozo no depoimento a Souza Barros, buscava diminuir a força das influências externas. Freyre, aliás, chegou a publicar alguns artigos na revista, como ‘Do bom e do mau regionalismo’, em que contrapõe ao olhar pitoresco sobre a região, ou seja, a “[...] tirania mística do exótico, em prejuízo ou com sacrifício, às vezes, de tão boas tradições locais, de tão boa prata de casa” (Freyre, 1924, p. 5), a defesa das tradições e valores culturais locais. Tal defesa, em oposição ao ‘furor imitativo’, buscaria, em um país tão grande, manter a diversidade, e, portanto, sua identidade regional. Assim, as nuances mais cotidianas e medulares da cultura regional são notadas em várias expressões da revista, não somente na menção às paisagens pernambucanas, à discussão de aspectos urbanísticos de Recife, à menção a figuras políticas e históricas do estado, como no resgate de expressões literárias ou plásticas da tradição cultural local. Não foi por acaso que, nas oficinas dessa revista, Ascenso Ferreira publicou uma das obras mais notáveis da poesia pernambucana regionalista, *Catimbó*, e o próprio Gilberto Freyre publicou a primeira edição de seu *Guia histórico e sentimental do Recife*.

Tal orientação é notada desde o edital do primeiro número da revista, em outubro de 1923:

Reviver as páginas sugestivas do nosso passado, estudando homens e fatos de nossa história, eis um dos pontos principais do programa da *Revista do Norte*.

Em artigos cuidadosamente ilustrados, iremos reproduzindo também o que de mais valioso e interessante possuímos em matéria de arte antiga e moderna.

Sempre acompanhados de contos, notas e narrativas, silhuetas de coqueiros, de caixaras e de velas arrojadas ao mar, de vaqueiros ousados e de cantadores, cenas típicas da natureza e da vida pernambucanas, ilustrarão constantemente as páginas desta revista.

Em relembrar a história, em estudar o desenvolvimento artístico, em retratar a vida dos demais estados, sobretudo dos deste nordeste, sempre tão próximos de nós em momentos de paz como por ocasião de lutas reivindicadoras, a *Revista do Norte* será sempre solícita (Albuquerque e Melo, 1923, p. 5).

Nesse direcionamento, Recife, especialmente, era evocado em palavras e imagens, em um movimento de resistência ao processo de modernização da cidade, ocorrido nessa fase, que ameaçava a memória de seus monumentos e tesouro cultural. Defender a tradição era um modo de não sucumbir a uma descaracterização de sua identidade cultural, a propor uma maneira local de conviver com o moderno e com a tradição sem que um elemento excluísse o outro.

No primeiro número, o texto de Oscar Mendes, ‘Velha rua’, que, posteriormente, também seria o título de um dos poemas de Joaquim Cardozo, é representativo dessa questão (Figura 4).



Figura 4. “Velha rua”, Oscar Mendes.

Fonte: *Revista do Norte* (Mendes, 1923, acervo da Biblioteca pública do Estado de Pernambuco – BEP).

O passado, evocado em prosa poética e saudosista, é personificado pela paisagem de Olinda, notadamente seus sobrados coloniais que, na foto, aparecem geminados em uma rua dessa cidade, portas em linhas retas ou levemente curvadas, os telhados com seus beirais ornamentados, e o pequeno balcão na janela do piso superior. O texto e a foto confirmam uma das atividades mais recorrentes do grupo da revista, o excursionismo, no qual os campos e as ruas das cidades da região eram percorridos em caminhadas frequentes, e até mesmo longas, com o intuito de registrar a flora, e os detalhes arquitetônicos e urbanistas que configuravam a identidade regional.

No texto, uma atitude subjetiva reforça os prejuízos sofridos pelo tempo nessa paisagem: “Imprimiu o tempo o negro sinete” (Mendes, 1923, p. 4). Porém, a tentativa de modernizar as casas desfiguradas pela decadência, acaba por as descaracterizar em um processo grotesco e caricatural:

Às vezes, espíritos acanhados, num plurido de modernização, tentam disfarçar-te a vetustez com pinceladas de cores berrantes. E lembrais então, pobres paredes velhinhas, estas quinquagenárias, ainda aferradas ao mundanismo, que procuram ocultar sob a camada grossa dos cosméticos, o labirinto de rugas que lhes sulca o rosto (Mendes, 1923, p. 4).

A metáfora da modernização forçada, caricatural e nada efetiva evidencia um dos motes dessa defesa da tradição pela revista, que, sombria, fantasmal em seu processo de decadência, ainda evoca fortemente a identidade da região, uma vez que é “[...] testemunha silenciosa do que foi na tua longevidade de pedra” (Mendes, 1923, p. 4).

Da mesma forma, a força da evocação do passado será o principal tema dos poemas que Joaquim Cardozo publicou nessa revista, poemas, aliás, que registram sua estreia nessa atividade, e que, após a publicação nessa revista, só chegaram a ser fixados em livro mais de vinte anos depois. É nessa revista que o autor publicou, dentro dessa perspectiva, ‘As alvarengas’, seu primeiro poema a circular em Recife em periódicos, em 1924, e depois ‘Recife, versos de outubro’, ‘Recife morto’, ‘Tarde em Recife’ e ‘Olinda’. O poema ‘Velhas ruas’, quase homônimo do texto de Oscar Mendes, foi publicado na revista em junho de 1926 (Figura 5).

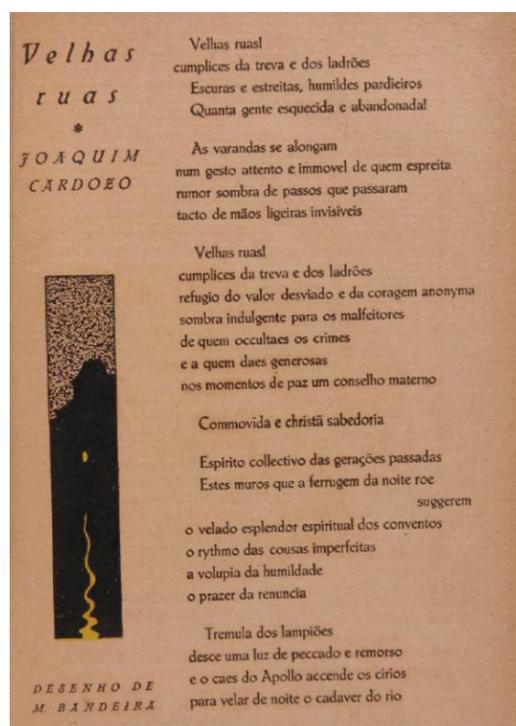


Figura 5. Poema “Velhas ruas”, Joaquim Cardozo.

Fonte: *Revista do Norte* (Cardozo, 1926, acervo da Biblioteca pública do Estado de Pernambuco – BEP).

O poema, que, tal como no texto de Oscar Mendes, aciona o ambiente noturno como emoldurador de uma paisagem soturna, e, da mesma forma, personifica esse espaço, procedimento esse que retoricamente aproxima as ruas da paisagem humana, ampliando, assim, o efeito emotivo. A adjetivação intensa, mais do que servir como um instrumento da descrição, também é um dispositivo importante para operacionalizar essa visão de uma cidade ocupada por figuras ‘indesejadas’ pela sociedade, “[...] cúmplices da treva e dos ladrões/

Escuras e estreitas, humildes pardieiros/ Quanta gente esquecida e abandonada!” (Cardozo, 1926, p. 11), resguardadas pelo piedoso “[...] Espírito coletivo das gerações passadas” (Cardozo, 1926, p. 11). Assim, também aqui, são nos rastros do passado que se encontra o reconhecimento identitário dessa paisagem.

Além de textos literários e ensaios que defendiam a tradição local, o direcionamento editorial para a região resultou em artigos que versavam desde personagens históricos da região, a publicações de obras, como um conto de Domingos Olímpio (n. 1, 1923), autor cearense que estudou em Recife; a questões etnográficas da região, como no texto sem assinatura intitulado ‘Gente da terra, praias do Norte’ (n. 3, 1924); além de textos sobre a imprensa antiga de Pernambuco; e até mesmo ensaios sobre a antiga arte tipográfica pernambucana, como o texto de José Maria de Albuquerque e Melo (1942), ‘Caetano da Silva – calígrafo e decorador de livro’, publicado em abril de 1942.

### A abertura para o novo

Em 1º de janeiro de 1928, o crítico Tristão de Athayde publica em *O jornal*, periódico do Rio de Janeiro, o artigo ‘Os novos em 1927’, no qual, além de reiterar, como já era tradição, o trabalho de Albuquerque e Melo, que estaria “[...] procurando criar um novo gosto tipográfico, tão raro entre os nossos editores [...]”, a *Revista do Norte* é citada como representativa do “[...] movimento moderno em Pernambuco” (Athayde, 1928, p. 6). A expressão do notável crítico, ‘movimento moderno em Pernambuco’, pode ser, por demais generalista e até mesmo discutível; no entanto, é fato que a ênfase no passado e na região não era a única força motriz da revista. Ao mesmo tempo em que se consolidou como um dos veículos mais importantes no que tange à proposta de valorização do patrimônio cultural e artístico da região, os jovens participantes da revista compartilhavam notícias, impressões e obras tanto nacionais como internacionais que se avolumavam como representativas do modernismo. Nesse sentido, o periódico publicou discussões sobre a vanguarda europeia, e vários poemas que se propuseram a atender essa orientação, além de algumas obras plásticas, como o desenho ‘A caça’ de Vicente do Rego Monteiro, pintor que na década de 20 já tinha se consagrado como importante expressão vanguardista na França e no Brasil, tendo, inclusive participado da Semana da Arte Moderna de 1922. Da mesma forma, o periódico trouxe um desenho de Nicola De Garo, artista italiano renomado adepto do movimento modernista em seu país, que ilustrou livros do poeta modernista Ronald de Carvalho, e que esteve em Pernambuco na década de 20.

Dentre os artigos que se voltaram às discussões sobre os ‘ismos’ vanguardistas, é oportuno citar o ensaio de Rigel de Orion, ‘Em defesa do futurismo’, publicado no n. 1 de 1924. No texto, Orion afirma sua adesão à renovação que o futurismo trazia às artes, uma vez que as entendia propícias aos novos tempos:

Não é possível que na época em que a instantaneidade das vibrações herzianas anula as distâncias; em que o avião transforma em dias distâncias que há dez anos eram meses, há um século eram anos; não é possível que se escreva, se pense, se sinta, como n’aqueles soterrados lustros (Orion, 1924).

O artigo termina afirmando que, pelo seu alto poder sugestivo, o futurismo não poderia ser entendido pelo leitor burguês, mas exigiria um receptor mais iniciado nas novas orientações artísticas dessa época, pressuposto que demonstra uma certa elitização desse movimento, e rechaça a ideia de uma resistência aos liames modernistas entre esses autores.

Uma das mais bem-acabadas propostas futuristas publicadas na *Revista do Norte* refere-se à poesia de Benedito Monteiro, um de seus colaboradores iniciais, e que, apesar da morte precoce, deixou vários exercícios poéticos notórios, como seu poema ‘Knockout’ (Figura 6).

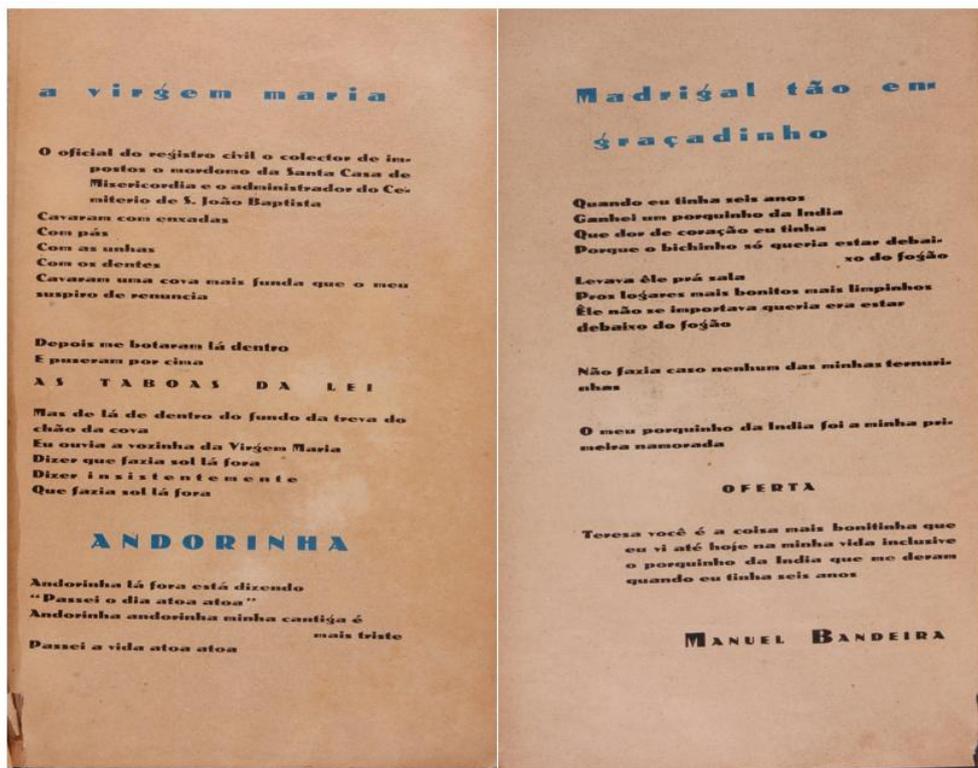
Considerado por Coutinho (1941, p. 11) “[...] uma autobiografia em poesia [...], uma estranha biografia [...]”, esse poema demonstra o quanto Monteiro já dominava a técnica proposta pelos futuristas, como as imagens compostas por vocabulário científico, a velocidade dos versos pelas enumerações de substantivos, evitando-se ao máximo os verbos, a liberdade ante as regras tradicionais do verso, como métrica e rima, o estilo “[...] nervoso e móbil” (Vasconcelos, 1926, p. 5), que ele desenvolveria mais largamente nos textos posteriores, em poemas como ‘Poema da bolsa’, por exemplo.

Mais do que dar visibilidade às expressões modernistas do local, a revista também trouxe a lume obras de outras regiões que seguiam essa orientação, e um bom exemplo são os poemas de Manuel Bandeira, que, no número 2, de agosto de 1926, publicou quatro poemas então inéditos, e que depois, em 1930, seriam agregados a seu livro *Libertinagem*: ‘A virgem Maria’, ‘Andorinha’, ‘Madrigal tão engraçadinho’ e ‘Oferta’ (Figura 7).



Figura 6. Poema “Knockout”, de Benedito Monteiro.

Fonte: Revista do Norte (Monteiro, 1924, n. 5, acervo da Biblioteca pública do Estado de Pernambuco – BEP).



Figuras 7. Poemas de Manuel Bandeira.

Fonte: Revista do Norte (Bandeira, 1926, acervo da Biblioteca pública do Estado de Pernambuco - BEP).

A interlocução desse grupo com Manuel Bandeira não se dá somente pela participação do pernambucano no *Livro do Nordeste*, ou pelo parentesco e amizade com Gilberto Freyre, mas pela atitude independente diante dos programas modernistas já eram bastante conhecidos em Recife na década de 20. Também a *Revista do Norte*, tal como o autor de ‘Evocação do Recife’, vai ter uma relação autônoma e singular com as propostas modernistas, tendo sido de fato um periódico que poderia ser exemplar no que se refere a essa situação em

Recife nessa época, pois paralelo a seu programa de valorização da tradição, os participantes da revista mostram-se conhecedores e perfeitamente inseridos nas renovações modernos, como aponta Pasini:

Dado o caráter difuso, entre tradicionalista e moderno, da *Revista do Norte*, ela se tornou o espaço em Recife de uma boemia esteticamente criativa e descompromissada, para a qual o modernismo não se transformou em programa, mas alcançou uma expressão original, que de certa forma reconfigura o modo de se conceber tanto o modernismo pernambucano em particular quanto o modernismo brasileiro de um modo geral (Pasini, 2018, p. 192).

Da mesma forma, a leitura de Nagib Jorge Neto (2009) entende que esse periódico, especialmente pela presença de Ascenso Ferreira e Joaquim Cardozo, cada qual com uma direção própria, eram representativos de uma ‘estética do novo fazer poético’:

No órgão de sonho, a aliança do regional e do experimental. Ascenso Ferreira com seus poemas de feição moderna, explorando a paisagem e o folclore. Joaquim Cardozo com a engenharia do poema, esguio e emblemático. E ali tinha origem a estética do novo fazer poético, presente nos poemas de Cardozo entre 1924 e 1930, também nos de Ascenso, Manoel Bandeira, Solano Trindade – poetas dos negros – e Olegário Mariano (Jorge Neto, 2009, p. 178).

Ainda sobre os aspectos modernistas desse periódico, é curioso notar que a historiografia e a crítica literária tenderam a assimilar tais aspectos na *Revista do Norte* especialmente em relação a seu contumaz contribuidor e editor, Joaquim Cardozo, autor que desenvolveu uma obra muito peculiar, ou, nas palavras de Carlos Drummond de Andrade, “[...] modernista mais ausente do que presente” (apud Cardozo, 1947, p. 8). Tal aceção, representativa de um posicionamento independente, também pode ser propícia ao se discutir o lugar da *Revista do Norte* nas expressões culturais do início do século em Recife, uma vez que, ao mesmo tempo em que já apresentava uma adesão a vários dos processos vanguardistas, o periódico, tal como Cardozo, permitia-se cotejar o novo sem estar atrelado a grupos ou diretrizes, mas em sua proposta própria de criação.

### Considerações finais

Como verificamos, pode-se afirmar que a multiplicidade de enfoques na *Revista do Norte*, os quais não se excluía, mas, ao contrário, agregavam complexidades nas diretrizes e tendências da época, são representativos de uma dimensão que a maior parte das obras de historiografia da literatura brasileira ainda não concebeu em sua amplitude, uma vez que se aquilata esse momento em Recife como fortemente tradicionalista e antagônico às tendências progressistas do modernismo no Sudeste. Tal asserção está longe de retratar as profusas heterogeneidades de expressões que marcaram o início do século nessa região, e que demandam uma revisão mais acurada e em perspectiva, incluindo aí a imersão em documentos que se encontram postergados, com risco iminente de se dispersar em definitivo.

### Referências

- A província* (1924a, 20 de janeiro), n. 17, p. 3.  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066\\_02&pesq=%22Revista%20do%20Norte%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=10460](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_02&pesq=%22Revista%20do%20Norte%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=10460)
- Albuquerque e Mello, J. M. (1924b, 6 de novembro). Museu de arte sacra. Coluna Artes & Artista. *Diário de Pernambuco*, p. 1.  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_10&pesq=%22Revista%20do%20Norte%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=13327](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pesq=%22Revista%20do%20Norte%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=13327)
- Albuquerque e Melo, J. M. (1923). Editorial. *Revista do Norte*, I(1).
- Albuquerque e Melo, J. M. (1924). Editorial. *Revista do Norte*, II(2).
- Albuquerque e Melo, J. M. (1926). Editorial. *Revista do Norte*, IV(1).
- Albuquerque e Melo, J. M. (1942). Caetano da Silva – calígrafo e decorador de livro. *Revista do Norte*, n. 1.
- Albuquerque, R. P. & et al. (2009). *A trajetória das revistas recifenses: do século XX aos dias atuais*. Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da comunicação. Curitiba, PR.
- Arruda, M. A. N. (2011). Modernismo e regionalismo no Brasil: entre inovação e tradição. *Tempo Social*, 23(2), 191-212. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702011000200008>

- Athayde, T. (1928, 1 de janeiro). Os novos em 1927. *O Jornal*, p. 6. <https://bitily.me/ppfQU>
- Azevedo, N. P. (1996). *Modernismo e regionalismo. Os anos 20 em Pernambuco* (2a ed.). UFPE/UFPB.
- Bandeira, M. (1926, agosto). Poemas. *Revista do Norte*, (2).
- Barros, S. (2015). *A década 20 em Pernambuco* (uma interpretação) (3a ed., Terra Pernambucana). CEPE.
- Borba, O. (1924). Caricatura. *Revista do Norte*, 2.
- Cardozo, J. (1926). Velhas ruas (poema). *Revista do Norte*, 1, 11. [https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas/revista-do-norte-1/revista\\_do\\_norte\\_PDF\\_1926\\_01.pdf](https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/biblioteca/acervos/publicacoes-digitalizadas/revista-do-norte-1/revista_do_norte_PDF_1926_01.pdf)
- Cardozo, J. (1947). *Poemas*. Agir.
- Cardozo, J. (2015). Prefácio. In S. Barros, *A década 20 em Pernambuco* (uma interpretação) (3a ed., p. 155-171, Terra Pernambucana). CEPE.
- Costa Monteiro. (1924, 13 de junho). A “Revista do Norte”. *A Província*, p. 3. <https://bitily.me/nVbPs>
- Coutinho, B. (1941). Benedito, o que era poeta... *Renovação - Número especial sobre o 1º Congresso de Poesia do Recife, III(3)*, 10-11.
- Diário de Pernambuco*. (1923, 9 de outubro). Semanário da Imprensa. n. 233, p. 2. <https://bitily.me/maCqi>
- Diário de Pernambuco*. (1924, 3 de janeiro). n. 2, p. 1. <https://bitily.me/Weavu>
- Freyre, G. (1924). Do bom e do mau regionalismo. *Revista do Norte*, 5.
- Freyre, G. (1925, 13 de fevereiro). “Revista do Norte”. *Diário de Pernambuco*, n. 37, p. 3. [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_10&pesq=%22Revista%20do%20Norte%22&pasta=ano%201924&hf=memoria.bn.br&pagfis=14095](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&pesq=%22Revista%20do%20Norte%22&pasta=ano%201924&hf=memoria.bn.br&pagfis=14095) Acesso 13 mar. 2024.
- Gente da terra, praias do Norte. (1924). *Revista do Norte*, n. 3.
- Jorge Neto, N. (2009). *A literatura em Pernambuco*. Comunigraf.
- Jornal Pequeno*. (1924, 17 de novembro). n. 262, p. 1. <https://bitily.me/UvvyT>
- Martins, A. L. (2001). *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. Universidade de São Paulo; FAPESP; Imprensa Oficial do Estado.
- Martins, W. (1969). *O modernismo (1916-1945)* (3a ed. atual., Vol. VI, Coleção A Literatura Brasileira). Cultrix.
- Mendes, O. (1923). Velha rua. *Revista do Norte*, 1.
- Monteiro, B. (1924). Knockout. *Revista do Norte*, (5)
- Olímpio, D. (1923). *História de onça* (conto da nossa terra), (1)
- Orion, R. (1924). Em defesa do futurismo. *Revista do Norte*, 1.
- Pasini, L. (2018). O poema fora do livro: Joaquim Inojosa, Manuel Bandeira e Benedito Monteiro no Modernismo pernambucano. *Alea*, 20(3), 179-200. <https://doi.org/10.1590/1517-106X/203179200>
- Revista do Norte*. (1924, out.). Recife, II(5).
- Vasconcelos, J. (1926). Benedito Monteiro. *Revista do Norte*, III(1).